Gilberto Velho (1945-2012)

Roque de Barros Laraia
UnB

Tomo como ponto de partida para esta minha exposição a resenha da conceituada socióloga Lícia Valadares, na época pesquisadora do IUPERJ, intitulada "Um antropólogo explora a selva de pedras. Ensaios lançam um novo olhar sobre as contradições das modernas sociedades urbanas", publicada na seção Ideias/ Livros do *Jornal do Brasil*, de 1 de outubro de 1994. O texto se refere ao lançamento do livro de Gilberto Velho, *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*.[1] Tratando-se de uma resenha para um jornal diário, ilustrada com uma foto do autor ainda jovem, é provável que o título da matéria tenha adquirido o caráter de uma manchete, talvez nem mesmo como uma escolha da autora. Esta nos brindou com um texto excelente, apresentando de uma forma concisa o objetivo do autor. Afirma que o mesmo, em seu quinto livro, continua desenvolvendo "a sua linha de reflexão sobre a dimensão cultural-simbólica da sociedade brasileira e o lugar dos indivíduos na sociedade, notadamente no contexto metropolitano".

Seguindo o pensamento do autor, Lícia Valadares destaca que "é sobretudo na metrópole que a heterogeneidade cultural e a diversidade quanto à posição na estratificação social, idade, etnia e grupo ocasional produzem a coexistência, muitas vezes contraditória, de diversos estilos de vida e visões de mundo". Segundo Gilberto Velho, família, trabalho, lazer, opções políticas configuram um campo de possibilidades em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções. A diversidade dos papéis e domínios, associada à possibilidade de trânsito entre eles, faculta e produz identidades multifacetadas e de estabilidade relativa.

O que me levou a evocar esta resenha – encontrada entre outros recortes, xeroxes e separatas, em uma pasta denominada Gilberto Velho, pertencente ao meu arquivo pessoal, numa atitude ritualizada de busca de compensação pela perda de um grande amigo – foi a compreensão de que o texto de nossa colega delimitou, com bastante nitidez, todo o campo de trabalho de Gilberto.

Anuário Antropológico/2011-I, 2012: 319-324

Trabalho este que foi responsável por um grande desenvolvimento, entre nós, do que se costumou chamar de Antropologia Urbana, o que poderíamos definir como a aplicação do método de pesquisa em uma sociedade complexa.

Gostei do título (ou manchete): um antropólogo explora a selva de pedra. Vários sentidos estão contidos nestas sete palavras, entre eles o fato de que antropólogos trabalham tradicionalmente em selvas, sejam elas das ilhas do Pacífico, das savanas africanas ou das florestas da Amazônia, ou seja, todos os antropólogos necessitam de uma selva para desenvolver o seu método de pesquisa. Um outro sentido, que prefiro, é exatamente que Gilberto continuou sendo um antropólogo, mesmo trabalhando em um contexto excessivamente urbano. Malinowski tornou famosas as ilhas de Trobriand, no Pacífico. Gilberto Velho, também escolheu a sua ilha, limitada a Oeste pelo verde da serra do Mar, ao Sul pelas restingas, a Leste pelas águas azuis de Copacabana e Ipanema, e ao Norte pela Zona Norte, de onde saiu, aos 7 anos, fazendo votos de nunca mais voltar.

Gilberto, enfim, escolheu o seu *field work* bem perto de casa, sem necessitar abrir mão de seus hábitos excessivamente urbanos, de sua pontualidade mais do que britânica, das suas preferências gastronômicas, aliás bem sofisticadas. Sem sair de seu seleto círculo de amizade, originário principalmente do Colégio de Aplicação da UFRJ.

De início, Gilberto interessou-se pelo estudo da Arte, influenciado por Lukács e Lucien Goldmann, tendo chegado a editar quatro volumes de textos sobre o tema na Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais, sob o título *Sociologia da Arte*, na Zahar Editores. Mas o seu ingresso no Programa de Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional mudou o rumo de sua história. De agosto de 1969 a dezembro de 1970, como aluno do PPGAS, começou a sua iniciação antropológica. No prefácio de seu primeiro livro refere-se à influência principal de três de seus professores: Shelton Davis, seu orientador, além de Roberto Cardoso de Oliveira e Roberto DaMatta. Em 1971, como bolsista da Fundação Ford, teve a oportunidade de na Universidade do Texas, em Austin, ter contato com Richard Adams e Anthony Leeds, entre outros. No mesmo ano, sob a orientação de Adams, realizou uma pesquisa, na Nova Inglaterra, junto aos imigrantes portugueses, ali residentes.

Ao regressar ao Brasil, teve que enfrentar questões que considerou como bizantinas na execução de um trabalho mais sociológico do que antropológico, ou como transformar o "nós" em "outro", realizando o inverso da tradição antropológica.

De fato, essas questões já tinham começado a ser resolvidas mesmo antes de sua partida para o exterior, no segundo semestre de 1969, quando em companhia de Yvonne Maggie Alves Velho realizou uma pesquisa de campo em um

famoso edifício de apartamentos conjugados situado na rua Barata Ribeiro, 200. Tão famoso que se tornou título para uma peça teatral que fez sucesso no início dos anos 70: *Um edifício chamado 200*.

Foi assim, com *A Utopia Urbana,*[2] que Gilberto Velho iniciou uma série de publicações sobre a Zona Sul do Rio de Janeiro, uma antropologia urbana, direcionada à classe média ou uma antropologia das sociedades complexas. Já nesse primeiro trabalho ficou evidente que o autor conseguiu obter um bom distanciamento de seus informantes e, sobretudo, o necessário estranhamento das situações observadas, tarefa esta que não deve ter sido fácil para quem também era um morador de um edifício semelhante.

Mesmo antes da publicação do primeiro livro, Gilberto já incorporava em seu esquema conceitual um conjunto de termos, como "estigma" e "comportamento desviante", que mostravam a sua ligação com uma corrente que incluía Simmel e o grupo de antropólogos e sociólogos de Chicago, entre os quais destacamos Robert Park, Everett Hughes, William Thomas, William Footewhyte. Em 1971, publicou na *Revista América Latina*, o seu artigo "Estigma e Comportamento Desviante em Copacabana". Neste artigo, ao contrário da peça teatral que destaca a comédia de viver em um edifício chamado 200, Gilberto ressalta o drama, a ambiguidade de identidade, de quem, por um lado, chegou a Copacabana mas, por outro, vive em um edifício mal afamado, correndo o risco de ser acusado de desviante ou, até mesmo, de marginal.

Não resta dúvida da importância do papel de Gilberto Velho na divulgação no Brasil dos trabalhos da chamada Escola de Chicago. Isto fica bem evidente em uma análise das numerosas dissertações de mestrado e teses de doutoramento que orientou no âmbito do PPGAS do Museu Nacional.

Creio que foram poucos os cientistas sociais brasileiros que tiveram tantos orientandos (64 mestrados mais 35 doutorados). Graças a um amplo campo de interesses, que incluía estudos das relações "entre cultura e política, instituições e poder, violência e quotidianos em contextos urbanos diversos", é inegável o papel que desempenhou na escolha dos objetos de estudos de seus alunos, levando em consideração as potencialidades de cada um, e na orientação minuciosa e exigente que exerceu sobre os mesmos. Preocupado com o financiamento das pesquisas de seus alunos, manteve durante muito tempo o projeto "Estilos de Vidas Metropolitanos", financiado pela Fundação Ford, que lhe possibilitou fornecer bolsas aos seus estudantes. Alem disto tudo, sempre teve uma grande capacidade de facilitar as publicações dos resultados em artigos, em livros e em diversas coletâneas organizadas por ele próprio. Muitas dessas publicações fizeram parte da Coleção Antropologia Social que dirigia na Jorge Zahar Editora,

na qual tenho a satisfação de contribuir com um livro. Também no âmbito das reuniões da Associação Brasileira de Antropologia e da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, Gilberto criou espaços para as primeiras apresentações de seus alunos, como, por exemplo, o GT da ANPOCS Cultura e Política, coordenado por ele, Eunice Durham e Ruth Cardoso, que em oito versões, no período de 1979 a 1995, contou com a participação de muitos de seus estudantes.

Com certeza a sua audácia em ampliar os limites da antropologia urbana, até então praticada no Brasil, serviu de estímulo a um de seus alunos para a realização de uma investigação antropológica até então impensável: Celso Castro abriu um novo espaço de pesquisa: a antropologia dos militares. Sou testemunha da sua satisfação com esse novo rumo de nossa disciplina. Afinal, filho e neto, sobrinho e primo de militares, tendo passado uma parte de sua infância em West Point, não conseguia ocultar as suas influências castrenses: os quadros de batalhas napoleônicas, ostentados nas paredes de seu apartamento, e uma coleção de valiosos soldados de chumbos disputando espaço com seus incontáveis livros.

Juntamente com os seus orientandos, Gilberto introduziu no vocabulário antropológico novas categorias sociais, além de ampliar o número de conceitos. Assim, começamos a ouvir falar de "adolescência tardia", "casais grávidos", "filhos do coração", "garotas programas", "mundos femininos", "padrões de conjugabilidades", "autoridade e afeto", e a oposição que intitulou a sua tese de doutoramento, orientada por Ruth Cardoso, "anjos e nobres".

Vimos que a sua dissertação de mestrado, *A utopia urbana*, além de se referir ao desejo de uma parte da população do Rio de Janeiro de morar em Copacabana, então a mais famosa de todas as praias brasileiras, foi resultado de uma pesquisa em um edifício sobre o qual recaía o estigma de alojar diversos tipos de marginais. A sua tese de doutoramento, *Nobres e Anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia*, mantém características semelhantes. Analisou dois grupos de jovens, de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro, que tinham em comum o uso de entorpecentes. Os "anjos" seriam adolescentes, usuários de maconha, pouco afeitos aos estudos, geralmente praticantes de surf e cujo único projeto de vida – quando tinham – era surfar no Havaí. Os "nobres" seriam jovens na faixa dos 30 anos, usuários de cocaína, mas que tinham a seu favor o fato de terem realizado um curso superior e com grandes projetos de vida (como a produção de um filme genial, um magnífico livro, ou qualquer outro excelente empreendimento cultural). Muitos dos "nobres", financiados pelos pais, já tinham vivido as suas primeiras aventuras no exterior. Muitas vezes os informantes, "anjos e nobres", eram membros de uma mesma família – irmãos mais novos e irmãos

mais velhos – mas que recebiam tratamentos diferentes por parte dos pais. Estes acreditavam nos projetos grandiosos dos filhos e os apoiavam, apesar de sua improvável concretização. Por outro lado, faziam pesadas acusações contra os "anjos", ameaçando-os de internamento em clínicas psiquiátricas.

Defendida na Universidade de São Paulo, em 1975, a sua tese de doutoramento somente foi publicada em 1998, ou seja, 23 anos depois. A sua grande preocupação era que os seus informantes não fossem identificados. Não queria viver o mesmo drama de Wright Mills que teve os seus dados de pesquisa apreendidos pela polícia cubana e temia que os seus informantes fossem reconhecidos.

É preciso destacar, também, o seu papel na política científica. Em 1981, como representante da área no Comitê de Ciências Sociais, foi encarregado de coordenar a Comissão de Avaliação e Perspectivas da Área de Ciências Humanas, tendo me convidado para ser responsável pela avaliação dos Programas de Pós-graduação de Antropologia. Em 1996 foi nomeado pelo presidente da República representante da área de Ciências Humanas do PRONEX. Foi também coordenador do Comitê de Ciências Sociais da CAPES, em 1984. Sempre teve um forte relacionamento com a área cultural. Foi membro da Comissão de Museus do Ministério da Cultura, fez parte do Conselho Diretor da FUNARTE e, de 1983 a 1993, foi membro do Conselho Consultivo do IPHAN, manteve estreita ligação com o Centro Nacional de Folclore, tendo sido vice-presidente da Associação de Amigos do Museu Edson Carneiro.

A partir de 1974, quando participou da Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Florianópolis, tornou-se um assíduo membro das reuniões das associações cientificas vinculadas à sua área de conhecimento. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia, de 1982 a 1984; presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, de 1994-1996; e vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. No decorrer de sua carreira foi contemplado com diversas honrarias, das quais destaco a Grã-Cruz de Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico; Comendador de Ordem do Rio Branco; Medalha Rodolfo de Melo Franco, Medalha Rui Barbosa, Medalha CAPES, 50 anos; Medalha Roquette Pinto, além de ter sido um dos poucos cientistas sociais acolhido como membro na Academia Brasileira de Ciência. São impressionantes os quantitativos de sua produção acadêmica: 20 livros, sendo oito individuais; 113 artigos; 69 capítulos em livros; 99 orientações de mestrado e doutorado; 392 trabalhos apresentados em congressos, no Brasil e no exterior; 249 participações em bancas de dissertações e doutorados.

Enfim, este é um resumo de uma carreira acadêmica iniciada em 1969 como auxiliar de ensino de Antropologia, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A partir de 1981, participamos juntos de várias atividades científicas, o que consolidou uma forte amizade. Desde aquela época, Gilberto já fazia questão de aparentar ser mais velho do que era. Escondia atrás de uma máscara solene o seu agudo espírito de humor, seu afinado senso crítico. Sentia um imenso prazer em criar peças, denominadas por seus amigos de gilbertadas. Mas, sobretudo, era um amigo leal.

Gostaria de terminar esta minha fala relembrando um episódio ocorrido durante a reunião da ABA de 1980, no Rio de Janeiro. Tentei entrar em um auditório lotado. Consegui, apenas, ficar parado em uma das portas. Uma jovem estudante, então, perguntou-me: “Quem é este senhor autoritário que está falando?”. Era o Gilberto, com seus 35 anos de idade, assumindo a postura indicada pelo seu sobrenome.

Assim era o meu amigo Gilberto Velho, que gostava de interpretar um papel de austeridade, buscando ocultar a sua real personalidade: uma pessoa altamente sociável, como demonstra a sua extensa e diversificada rede de amizades; um amigo prestativo e voltado para o bem-estar de todos; um cidadão preocupado com o desenvolvimento científico do país. Enfim, uma grande perda para todos que tiveram a sorte de conviver com ele.

Notas

1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.